

A maratona de Dilma

DANIEL PEREIRA
DA EQUIPE DO CORREIO

A bola está com a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. Em 2009, caberá a ela demonstrar a eficiência técnica e a habilidade política necessárias para confirmar sua candidatura à Presidência da República. A “mãe do PAC” já foi convocada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para encabeçar a chapa governista na próxima corrida ao Planalto. Agora, precisa ratificar a titularidade no ano que vem, considerado estratégico para as suas pretensões eleitorais. Em conversas recentes, Lula disse que Dilma tem de viabilizar o próprio nome. E deixou claro quais são as metas a serem atingidas.

A primeira delas está relacionada à área administrativa. Trata-se de acelerar os investimentos públicos a fim de atenuar os efeitos da crise econômica internacional na economia brasileira. Se isso ocorrer, a ministra tende a dar fôlego à imagem de “gestora eficiente” e a transformar em apoio os elogios que recebeu, em 2008, de representantes do setor produtivo, como os presidentes da Confederação Nacional da Indústria (CNI), deputado Armando Monteiro Neto (PTB-PE), e da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Paulo Safady Simão.

Lula está disposto a ajudar Dilma nessa missão, cujo cumprimento será decisivo também para manter o nível recorde de aprovação popular do governo. Em dezembro, por exemplo, o presidente determinou ao ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, o remanejamento de verbas do Orçamento da União de modo a ampliar a previsão de investimentos em infraestrutura e nos programas sociais. “2009 será um ano de inauguração de obras. Só escolas técnicas serão 100”, afirmou Lula, em 19 de dezembro, num café da manhã com jornalistas.

As inaugurações darão a Dilma a oportunidade de cumprir outra tarefa: tornar-se mais conhecida da população. Segundo pesquisa CNT/Sensus divulgada no último dia 15, 47,8% dos entrevistados não conhecem nem nunca ouviram falar da ministra. Lula minimizou a importância do dado. Primeiro, porque pretende carregar a auxiliar pela mão Brasil afora nos próximos dois anos. Segundo, porque acha que a mera exploração dos meios de comunicação fará de Dilma uma pessoa popular. “Ela tem muito tempo para se tornar conhecida”, afirmou o presidente na confraternização com jornalistas. “Ela precisa dar mais entrevistas”, acrescentou, num misto de cobrança e recado.

Ação de bastidor

Desde o segundo semestre, Dilma caminha, a passos lentos, para estreitar laços com a imprensa. Os resultados nessa área são tímidos. Avanços maiores, mas ainda insuficientes, segundo auxiliares de Lula, ocorreram nas negociações com os partidos. Resignados, caciques petistas já aceitam ceder a legenda para a ministra. Que se faça a vontade de Lula, alegam. Além disso, líderes de outras

siglas governistas começam a mostrar entusiasmo com a “capitã do time”, antes considerada excessivamente “fechada” e até “antipática”, como definiu o líder do PMDB na Câmara, Henrique Eduardo Alves (RN).

Hoje, Alves é só afagos em Dilma. O deputado integra um grupo de conselheiros políticos informais da chefe da Casa Civil, do qual também fazem parte, entre outros, os ministros Franklin Martins (Comunicação Social) e José Múcio Monteiro (Relações Institucionais), o chefe de gabinete de Lula, Gilberto Carvalho, a senadora Ideli Salvatti (PT-SC) e o deputado Henrique Fontana (PT-RS). Recentemente, a ministra ouviu elogios públicos do presidente do PMDB, deputado Michel Temer (SP), e do senador José Sarney (PMDB-AP). Lula quer os peemedebistas como vice na chapa e sabe que o acerto será menos difícil caso Dilma suba nas pesquisas de intenção de voto.

Na sondagem divulgada pelo Datafolha em dezembro, a ministra aparece com 8%. Figura na quarta colocação, atrás do governador de São Paulo, José Serra (PSDB), com 41%, do deputado Ciro Gomes (PSB), com 15%, e da vereadora Heloísa Helena (PSol), com 14%. Na comparação com o levantamento realizado em março, o tucano e a petista subiram, respectivamente, 3 e 5 pontos percentuais. Já o socialista caiu 5 pontos.

Os números foram usados por auxiliares de Lula para defender a candidatura de Dilma e o apoio de Ciro a ela.

“A ministra já está numa boa posição. O ex-presidente Fernando Henrique começou a campanha com 3% (em 1994), e a Dilma está com 10%. Ou seja, três vezes mais a um ano e meio da eleição. Ela está se viabilizando”, disse o senador licenciado pelo PMDB e ministro de Minas e Energia, Edison Lobão.



PSB articula candidatura própria

Se depender do PSB, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, não será a única candidata do governo na próxima eleição presidencial. Em reunião realizada no início de dezembro no Recife, o diretório nacional do partido ratificou a intenção de lançar o deputado federal Ciro Gomes (CE) na disputa em 2010. Por pelo menos três motivos. Um deles é a necessidade de ter um nome forte no páreo, capaz de manter e ampliar o tamanho da sigla nos estados e no Congresso. Atualmente, os socialistas governam o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. Além disso, têm a terceira maior bancada da Câmara, graças à parceria com os demais integrantes do chamado Bloco de Esquerda, como PDT, PCdoB e PRB.

A segunda razão é a consciência de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva escolheu o PMDB como aliado preferencial para 2010. O PSB não aceita o papel

de coadjuvante na negociação nem o alinhamento automático à tese defendida por Lula. Para justificar tal posição, esgrime o terceiro argumento: entre os presidentiáveis governistas, Ciro Gomes é o mais bem colocado nas pesquisas de intenção de voto. No Datafolha divulgado este mês, o ex-ministro da Integração Nacional aparece atrás apenas do governador de São Paulo, José Serra (PSDB). Mas assume a liderança quando o concorrente tucano é o governador de Minas Gerais, Aécio Neves.

Líder

No segundo cenário, o deputado ficou com 25%, contra 19% de Heloísa Helena (PSol), 17% de Aécio e 9% de Dilma. “Sairemos contra o PT se for necessário”, disse Ciro em entrevista ao jornal *O Globo*. Publicada há uma semana, a entrevista foi uma espécie de retorno

do parlamentar ao debate público depois de um ano de quase reclusão. Em 2008, Ciro adotou a discrição como estratégia. Assim, livrou-se dos ataques de adversários, mas colheu críticas de correligionários. Parlamentares do PSB acham que tal postura abriu caminho para um avanço da candidatura de Dilma. A tese é controversa, mas será deixada de lado em 2009, quando Ciro voltará com desenvoltura à arena.

A tendência é que ele, como a oposição, aposte as fichas no debate sobre os rumos do país diante da crise financeira mundial. E, mais especificamente, num discurso com críticas contundentes aos juros praticados pelo Banco Central. Bater no BC não será suficiente para lhe tirar o status de aliado de Lula, mas pode render dividendos entre empresários e movimentos ditos de esquerda. (DP)



EX-MINISTRO DE LULA, CIRO GOMES É O GOVERNISTA MAIS BEM COLOCADO NAS PESQUISAS